



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

**PAULA VISLANE DAMASCENO DE OLIVEIRA**

**INVESTIGANDO SOBRE ANALFABETISMO NO BRASIL ATUAL,  
NO EMBIRAL IMPERATRIZ - MARANHÃO**

**ARAGUAÍNA – TO  
2019**

**PAULA VISLANE DAMASCENO DE OLIVEIRA**

**INVESTIGANDO SOBRE ANALFABETISMO NO BRASIL ATUAL,  
NO EMBIRAL IMPERATRIZ - MARANHÃO**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus Universitário de Araguaína, para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Wallace Rodrigues

**ARAGUAÍNA – TO**

**2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- O48i Oliveira, Paula Vislane Damasceno de.  
Investigando Analfabetismo no Brasil Atual . / Paula Vislane Damasceno de Oliveira. – Araguaína, TO, 2019.  
38 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,  
2019.
- Orientador: Wallace Rodrigues
1. Raízes do analfabetismo . 2. Fragilidade . 3. História da  
educação. 4. Margem da sociedade. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

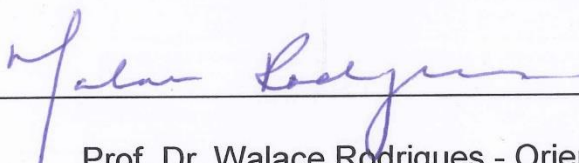
**PAULA VISLANE DAMASCENO DE OLIVEIRA**

**INVESTIGANDO SOBRE ANALFABETISMO NO BRASIL ATUAL, NO  
EMBRAL IMPERATRIZ - MARANHÃO**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura em Letras foi avaliado para a obtenção do título de Investigação Sobre Analfabetismo no Brasil Atual, no Embiral Imperatriz – Maranhão, e aproveitamento em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da Aprovação 25/11/19.

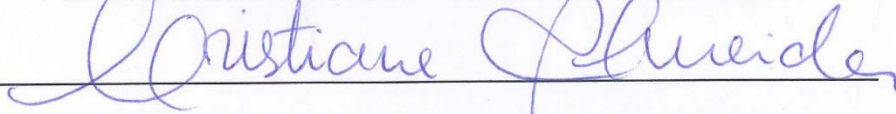
Banca examinadora:



Prof. Dr. Wallace Rodrigues - Orientador



Prof. Dr. Danielle Mastelari Levorato - Examinadora



Prof. Dr. Cristiane Silva de Almeida - Examinadora

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a Deus. À memória da minha avó Maria Ester e para minha mãe Zenaide Melleth, que me incentivaram bastante para que eu chegasse ao fim deste curso.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, toda minha gratidão é a DEUS por ter me proporcionado este curso, por ter me capacitado a chegar ao fim do curso. Depois, aos meus familiares que, direto ou indiretamente, me apoiaram e incentivaram em todo o percurso da graduação. Minha mãe Zenaide Melleth, que teve um papel muito importante nesta minha nova etapa da vida. Ao professor Dr. Wallace Rodrigues, pela orientação da monografia e ao demais professores que compuseram a banca de defesa deste trabalho.

Eu também não poderia deixar de agradecer a todos os meus colegas de curso, principalmente a Joyce Estrela, Ledisse Rocha, Wanderson e Zenaide Melleth. Por me ajudarem em todo percurso desta licenciatura. Muitas vezes, com uma palavra de incentivo e persistência. Gratidão é a palavra para agradecer a todos que cruzaram meu caminho neste período. Agradeço, também, a todos os meus familiares.

Não poderia deixar de agradecer ao meu esposo Francisco Alves da Silva, por estar ao meu lado me apoiando, por me dizer quem eram as pessoas analfabetas no povoado e, também, às pessoas do povoado Embiral, que conversaram comigo sobre suas vidas, e à agente de saúde, que muito contribuiu com os dados dessas pessoas do povoado.

*O analfabeto do século XXI não será aquele que não sabe ler e escrever. Mas aquele que não consegue aprender, desaprender e reaprender.*

Alvin Toffler

## RESUMO

Esta monografia é uma investigação sobre o analfabetismo no Brasil atual, no Embiral Imperatriz - Maranhão e tem como objetivo entendermos quantas pessoas analfabetas existem no Brasil atual, quais os motivos que levaram essas pessoas a não serem alfabetizadas e porque até hoje permanecem nas mesmas circunstâncias. Vamos tentar compreender porque o índice de analfabetismo hoje é tão grande, já que temos escolas em todos os lugares, também nas zonas rurais. Falaremos, ainda, sobre a evasão e as suas causas. Nosso local de estudo foi o povoado Embiral, parte do município de Imperatriz – MA, onde existem 19 pessoas analfabetas até hoje. Essa pesquisa baseou-se em bibliografia, artigos de revistas científicas, reportagens de jornais, dados de entidades governamentais, entre outros materiais, sendo uma pesquisa documental e de caráter qualitativo. Segundo o IBGE, são 11,8 milhões de pessoas não alfabetizadas no Brasil. Este número de analfabetos só confirma que a fragilidades dessas pessoas são enormes. Os resultados deste trabalho mostram que os analfabetos estão à margem da sociedade, deixadas de lado por um governo que não os valorizam, pois a raiz do analfabetismo é histórica.

**Palavras-chave:** Analfabetismo; Brasil; Embiral-Ma; Margem da sociedade.



## **ABSTRACT**

This monograph is an investigation into illiteracy in Brazil today and it aims to understand how many illiterate people there are in Brazil today, Embiral Imperatriz – Maranhão. Why they are illiterate and why they still remain in the same circumstances. Let us try to understand why the illiteracy rate is so high today, as we have schools everywhere, also in rural areas. We will also talk about dropout and its causes. Our place of study was the village Embiral, part of the municipality of Imperatriz - MA, where there are several illiterate people to this day. This research was based on bibliography, scientific journal articles, newspaper reports, data from government entities, among other materials, it being a documentary and qualitative research. According to IBGE, there are 11.8 million non-literate people in Brazil. This number of illiterate people only confirms that their weaknesses are enormous. The results of this work show that illiterates are on the fringes of society, set aside by a government that does not value them, because the root of illiteracy is historical.

**KEYWORDS:** Illiteracy; Embiral-Ma; Brazil; Society's margin.

## **LISTA DE SIGLAS**

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE)

Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – (IDEB)

Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica de Valorização dos Profissionais da Educação – (FUNDEB)

Educação de Jovens e Adultos – (EJA)

Universidade Federal do Tocantins – (UFT)

Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – (PRONERA)

## **GRÁFICO**

Gráfico 1 - Índice de Analfabetismo no Brasil.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 ANALFABETISMO NO BRASIL .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Evasão escolar .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 Educação de Jovens e Adultos – EJA .....</b>	<b>24</b>
<b>3. ANALFABETISMO NO TOCANTINS .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Analfabetismo no Maranhão e no povoado Embiral .....</b>	<b>28</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>33</b>
<b>ANEXOS: .....</b>	<b>35</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso é apresentado no curso de Letras, na Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína, para finalização do referido curso. O tema do analfabetismo é discutido até hoje nas rodas de conversa dentro do núcleo escolar. Tema esse bem antigo, mas, infelizmente, atual.

O propósito desta monografia é compreender um pouco sobre o analfabetismo existente no Brasil atual, no Embiral Imperatriz – Maranhão, no qual este tema chamou a atenção pelo fato de existir pessoas analfabetas no local, por conhecer estas pessoas analfabetas, por este assunto ser histórico e ao mesmo tempo bem atual.

Sabemos que no Brasil a desigualdade social é enorme, o que contribui para elevar a pobreza e diminuir o acesso à educação escolar. Um dos planos governamentais para diminuir o analfabetismo e aumentar o nível de escolarização é o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). Tal programa é voltado para pessoas em assentamentos, lugares onde as pessoas necessitam muito de instrução escolar. Andrade et. al. diz:

Para o universo de mais de 500 mil famílias espalhadas em 6.175 assentamentos rurais, o Pronera apresenta-se com um relevante instrumento de democratização da educação no campo, cujas ações educativas têm promovido resultados positivos por meio da alfabetização de jovens e adultos, da formação de educadores de nível médio e superior e de técnicos agrícolas e agentes desenvolvimentos. (ANDRADE et. al., 2004, p. 39 a 40).

Neste sentido, vemos a necessidade de alfabetizar as pessoas sem instrução escolar. Isso fará com que essas pessoas tenham acesso a vários direitos e mais cidadania.

O tema proposto para este TCC foi “Investigando analfabetismo no Brasil atual, no Embiral Imperatriz – Maranhão.” Assim, abordaremos assuntos como: Evasão escolar, Educação de Jovens e Adultos - EJA, entre outros assuntos ligados ao problema do analfabetismo.

Para fundamentação teórica vamos trabalhar com Paulo Freire, Alceu Ravanello, Luana Perez, Alceu Ferraro, entre outros. Todos estes falam de um assunto que podemos chamar de “doença crônica” do nosso país: o analfabetismo, que se perpetua até hoje. Esses autores nos ajudaram a entender melhor porque este índice é tão alto.

O presente trabalho nos levou a fazer uma pesquisa bibliográfica e a ter conversas informais com pessoas analfabetas no povoado Embiral. Com o objetivo de saber quantas pessoas analfabetas existiam naquele lugar e porque este público permanece até hoje na escuridão das letras, sendo que no povoado existe uma escola pública de ensino fundamental chamada Escola Municipal Enock Alves Bezerra. A metodologia utilizada foi uma entrevista não formal com estas pessoas analfabetas.

Este tema sobre analfabetismo chamou muito nossa atenção por saber que naquele lugar tão pequeno há um considerável grupo de pessoas com mais de 40 anos de idade que não está indo à escola e que permanece analfabeto.

## 2. ANALFABETISMO NO BRASIL

Segundo IBGE, sabemos que, atualmente há mais de 11 milhões de brasileiros analfabetos totais, ou seja, que não sabem nem ler e nem escrever um bilhete simples. Segundo a Rádio Vaticano, o perfil dos analfabetos no Brasil é o seguinte:

No Brasil, de acordo com a ONU, o analfabetismo é, na sua maioria, nordestino, negro, com baixa renda e com faixa de idade entre 40 e 45 anos. Nos últimos 14 anos, a taxa de analfabetismo caiu 4,3%. Todavia, os dados mais recentes do IBGE revelam que 8,3% da população com mais de 15 anos é analfabeta. Este percentual representa aproximadamente 13,2 milhões de brasileiros. Em zonas rurais, os dados do programa chamado “Educação para todos”, da UNESCO, revelou que este índice chega a 25%. (RÁDIO VATICANO, 2016, s/p, negrito nosso).

Esse índice de analfabetos é alto, já que temos escolas em todos os lugares, também na zona rural. Tal índice atinge, em sua maioria, as pessoas carentes de renda, nordestinas e negras. Pela grande quantidade de fragilidades sociais que existem na vida dessas pessoas que elas sejam analfabetas. Alceu Ravanelle Ferraro nos diz que:

A alfabetização da população constitui, sem dúvida, questão central na definição de uma política educacional. Por isso, a análise da tendência da alfabetização ou do analfabetismo é perspectiva privilegiada para se avaliar a política educacional de um país em seu conjunto. De um governo ou regime que falha na realização do objetivo educacional básico – a alfabetização do povo – não se pode esperar muito em termos de realização de outros objetivos educacionais e sociais. (FERRARO, 2009, p. 105).

Ainda que pensemos em educação, devemos pensar em ações: fazer, construir e realizar. O homem pensador, o homem criador, o homem realizador. A alfabetização é uma experiência encantadora e o alfabetizando tem que vislumbrar, através do ler e do escrever, situações para melhorar sua vida. Essa escolarização básica, mas fundamental, na vida de cada cidadão brasileiro pode auxiliar numa melhora financeira e social. Segundo Luísa Melo:

Há ainda grandes lacunas salariais entre pessoas com diferentes níveis de escolaridade. Profissionais com ensino superior completo receberam em média R\$ 4.997 em 2018, quase três vezes mais que aqueles com ensino médio completo (R\$ 1.755) e quase seis vezes mais do que os trabalhadores sem instrução (R\$ 856). As disparidades também são relevantes regionalmente. Em 2018, profissionais do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul receberam mensalmente em média R\$ 2.572, R\$ 2.480 e R\$ 2.428, respectivamente. Já os do Norte e Nordeste ganharam e 1.735 e R\$ 1.497, respectivamente. A diferença chega a 41,7% entre Sudeste e Nordeste, os dois extremos. (MELO, 2019, s/p).

Ainda, os estados com maior porcentagem de analfabetos estão na Região Nordeste. São eles: Alagoas, Piauí e Maranhão. Isso faz com que a renda dessas pessoas seja sempre inferior à média estadual. Gilcilene Araújo e Maria Romero dizem que:

O Piauí ficou atrás apenas do estado do Alagoas que teve uma taxa de 17,2% de pessoas não alfabetizadas com mais de 15 anos. No Brasil, a taxa é de 6,6%, sendo que os estados com menores índices de pessoas analfabetas foram o Rio de Janeiro (2,4%) e Santa Catarina (2,5%). Quando o público é de pessoas com 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo do Piauí continua sendo a segunda maior, perdendo apenas para o Maranhão. Ao todo, 42,7% dos idosos piauienses não são considerados alfabetizados, enquanto a taxa no estado vizinho é de 45,5%. A média brasileira é de 18% e o RJ também mantém a menor taxa, de 6,3%. (ARAÚJO; ROMERO, 2019, s/p).

No estado do Tocantins, segundo o Tribunal Regional Eleitoral, com dados da eleição de 2014, o número de analfabetos do município de Araguaína é o maior do estado: com 6.038 pessoas analfabetas.

Segundo os dados do TRE-TO, 181.667, ou seja, 18,22 %, possuem ensino médio completo, e 71.987 têm formação superior, o que representa 7,22% dos eleitores. O maior número de analfabetos, 6.038 pessoas, concentra-se na 1ª zona eleitoral, que fica na cidade de Araguaína. Na capital, estão os maiores índices de eleitores com formação superior, são 32.041 votantes. (G1 TO, 2014, s/p, negrito nosso).

As informações sobre as pessoas não alfabetizadas é feita pelo Instituto Nacional de Geografia e Estatística – IBGE. Fazendo uma pesquisa através de



questionários, onde a fonte é a própria pessoa entrevistada, dando informações sobre si mesma e sobre seus familiares.

Os pesquisadores criam as perguntas baseados nos dados retirados dos eventos escolares, como evasão escolar, matrículas, aprovação e conclusão de curso entre outros. A primeira pergunta é: Sabe ler e escrever? Se estudou foi até qual série? Muitas das pessoas entrevistadas não sabem ler e nem escrever seu próprio nome. Para entendermos o número de 11,8 milhões de analfabetos totais no Brasil vejamos o gráfico abaixo a partir do número de analfabetos por região:

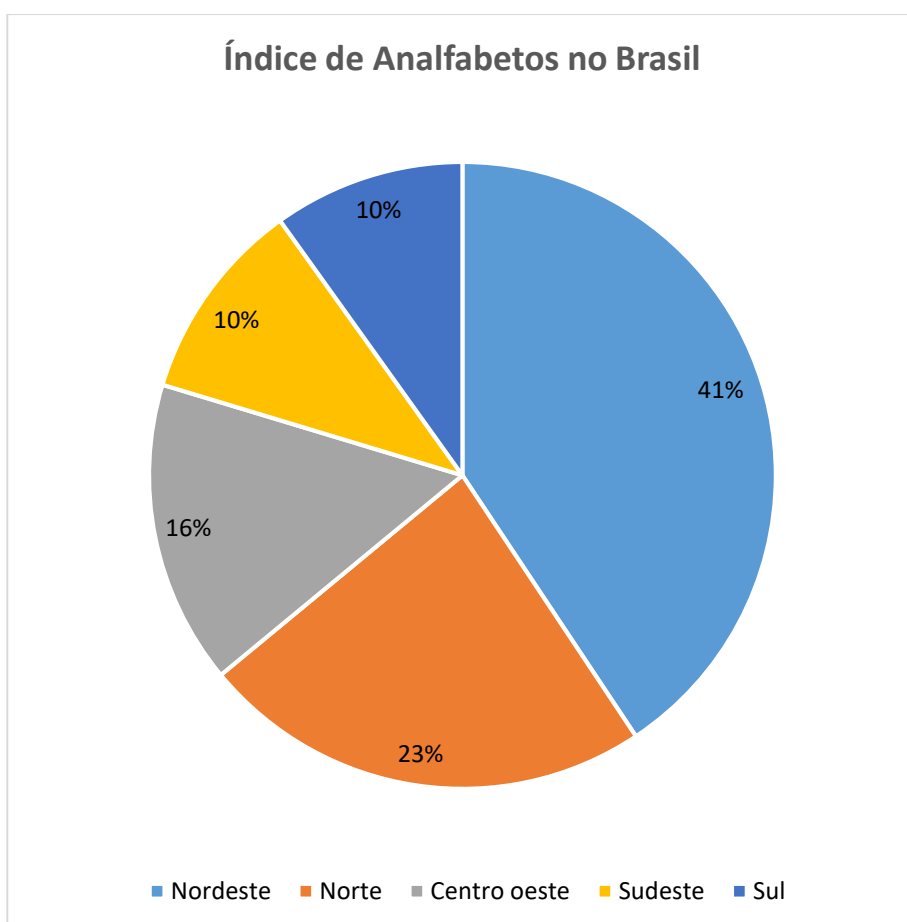


Gráfico 1 – Índice

de Analfabetismo no Brasil por região.

Fonte: IBGE, censo demográfico 2018.

Qualquer cidadão percebe o quanto nosso país ainda sofre com um ensino deficitário pela falta de investimentos governamentais e vontade política. Alunos com dificuldades de chegar a uma escola, escolas com falta de políticas

públicas, estrutura básica e professores com salários achatados e sem condições de se aperfeiçoar. Esses são alguns desafios que o Brasil tem que vencer para diminuir o número de analfabetos na atualidade.

Houve muitos avanços, muitas conquistas, nas últimas décadas como a garantia ao acesso as crianças na escola, criação do FUNDEB, a criação do piso salarial para professores, entre outras ações, para melhorar a educação básica, mas isso ainda não foi o bastante.

Neste meio tão adverso da educação escolar pública, ainda existem professores que se desdobram por amor à profissão, sentimento este tão importante que deve ter em todas as profissões. As conquistas são muitas, mas não eliminam os desafios como o de assegurar que os alunos concluam ao menos o ensino médio e que a qualidade de ensino seja melhor, pois isto depende de mudanças sociais Políticas e Educação.

Se lermos a Constituição Brasileira de 1988, a chamada constituição cidadã, mais precisamente no seu Art. 105, no qual está escrito. “A educação, direitos de todos e dever do Estado e da família” verificaremos que este direito não está sendo plenamente assegurado pelo Estado.

Quando mais cedo as crianças aprendem a ler e a escrever, mais cedo elas aprendem a raciocinar e o aprendizado fica mais fácil para resto da vida. Só no governo Dilma Rousseff, em 2009 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) muda a idade mínima de acesso à educação escolar, obrigando todas as crianças a irem para a escola a partir de 4 anos de idade. Os primeiros anos do aluno na escola são fundamentais para todo seu ensino escolar. Onde os pais são responsáveis por matricular e lavar seus filhos à escola e fazer com que continuem a estudar. Tudo isso pensando só no fim do analfabetismo no Brasil e na melhoria da instrução escolar da população.

Para entendemos melhor quem foi Paulo Freire, vamos fazer uma pequena biografia sobre ele. Paulo Reglus Neres Freire, nasceu em Recife, 19 de setembro de 1921, faleceu em 2 de Maio de 1997 em São Paulo. Ele foi um Educador e Filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais

notáveis da história da Pedagogia Mundial, influenciando o movimento chamado pedagogia crítica. Foi Patrono da Educação Brasileira, o brasileiro mais homenageado da história, com pelo menos 35 títulos de Doutor Honoris Causa de Universidades da Europa e América, recebeu diversos prêmios como o da UNESCO de Educação para Paz em 1986.

Ele criou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos, que hoje é conhecido como Educação de Jovens e Adultos - EJA. Paulo Freire lutou para ensinar os mais pobres, por este motivo ele sofreu perseguição do regime militar no Brasil (1964 – 1985), sendo preso e forçado ao exílio. Contudo isso ele nunca desistiu de lutar pelos menos favorecidos da sociedade.

Foi o educador Paulo Freire um dos que mais efetivamente trabalhou para diminuir o analfabetismo no Brasil. Antes de mais nada, precisamos entender como foi criado o que chamamos de método Paulo Freire, método este que buscava alfabetizar a partir da utilização de palavras do cotidiano dos educandos (as palavras geradoras). Freire não via os analfabetos como seres “vazios de saber”, mas pessoas com “saberes outros”, saberes não aproveitados pela escola e menosprezados pelas classes dominantes. Tais analfabetos sempre serviram de mão de obra barata para as elites brasileiras. E isso perdura até hoje, como nos informou Luísa Melo. Freire nos diz que:

Os analfabetos sabem que são seres concretos. Sabem que fazem coisas. Mas o que às vezes não sabem, na cultura do silêncio, em que se tornam ambíguos e atuais, é que a sua ação transformadora, como tal, os caracteriza como seres criadores e recriadores. Submetidos ao mito da cultura dominante, entre eles o da sua “natural inferioridade”, não percebem, quase, a significação real da sua ação transformadora sobre o mundo. Dificultados em reconhecer a razão de ser dos fatos que os envolvem, é natural que muitos, entre eles, não estabeleçam a razão entre não “ter voz”, não “dizer palavras”, e o sistema de exploração em que vivem. (FREIRE, 1981, p. 49 – 50).

Em cada palavra utilizada no método freiriano surgia um novo projeto de desenvolvimento, mas também surgia uma pergunta central: Como o Brasil vai ser desenvolvido socialmente, economicamente, politicamente e culturalmente sendo um país de analfabetos? Este tema continua bem presente, mas há 60

anos isto era um problema central. Apesar dos anos, hoje a região nordeste continua sendo onde há o maior número de pessoas analfabetas.

Paulo Freire percebeu que ler e escrever eram atos inseparáveis, pois um dependia do outro. Freire afirma:

A relação entre o ato de escrever e o de falar é absurdamente inquebrantável. Não é possível fazer uma coisa sem a outra. Mas, como temos uma irresistível atração para dicotomizar coisas indicotomizáveis, inventamos a tradição de ensinar uma separação inexistente entre ler e escrever. Em primeiro lugar eu só leio o que outros já escreveram e, para isso, eu preciso ser leitor de mim mesmo, medida que leio o que escrevo e descubro que não disse tudo o que queria dizer, me preparo para: primeiro – saber ler melhor, segundo – ler melhor o que os outros escreveram, terceiro – ler melhor o que eu mesmo estou escrevendo. E me preparo para fazer uma descoberta extraordinária: a compreensão da significação do texto que eu leio não está posta, escondida dentro do texto, pelo autor. (FREIRE, 1994, p. 08).

A utilização de palavras geradoras facilitou o aprendizado, gerando problematização de reflexão a partir do cotidiano das pessoas. Outra proposta era levar figuras das palavras sem nome para só assim começar a aula. Esta era a metodologia utilizada por Freire.

Vemos que a crença de que a escolarização, por si só, acabaria com o analfabetismo. Mas, isso não aconteceu. Talvez pelas inúmeras vulnerabilidades dos estudantes em ter acesso à escola. Alceu Ravello Ferraro nos diz que:

A primeira leitura que se poderia fazer sobre este fato é ver, no analfabetismo hoje existente, uma mera remanescente resultante da incapacidade do aparelho escolar, no passado, de universalizar a alfabetização, mesmo no sentido restrito que esse termo tem nos levantamentos censitários, qual seja, de a pessoa ser capaz de ler e escrever. Nessa visão, o simples passar dos anos se encarregaria da solução do problema, o qual deixaria de existir pela simples morte dos analfabetos, supostamente só existentes nas idades mais avançadas. (FERRARO, 2009, p.171).

As mais diversas formas de vulnerabilidade social dificultam o acesso das pessoas analfabetas ao ensino escolar regular, mesmo aquele de Jovens e Adultos – EJA. Rodrigues conclui que há uma situação de vulnerabilidade

educacional no Brasil que dificulta o acesso ao ensino escolar e, conseqüentemente, à melhor renda:

[...] a vulnerabilidade educacional, em princípio, seria uma situação que envolve a precariedade de pessoal, de estruturas e de meios pedagógicos para o bom desenvolvimento da ação de educar em instituições escolares. Os mais variados problemas que atingem a escola podem contribuir para a vulnerabilidade social. Ainda, a falta de oferta de vagas em instituições escolares, por si só, já demonstra uma situação de vulnerabilidade educacional. Verificamos, ainda, que a população mais exposta às situações de vulnerabilidade social são aquelas que habitam áreas de alta vulnerabilidade social. Nesse sentido, podemos afirmar que há uma relação direta entre vulnerabilidade social e vulnerabilidade educacional, o que perpetua um baixo índice de escolarização da população e uma população com conhecimentos insuficientes para competir no mercado de trabalho. (RODRIGUES, 2018, p. 158).

Vemos, portanto, que vários são os fatores que podem impactar na permanência de um alto número de analfabetos no Brasil atual.

## **2.1 Evasão escolar**

O analfabetismo no Brasil acontece, em muitos casos, por conta da evasão dos alunos da escola. Uma das causas é gravidez na adolescência, drogas, famílias desestruturadas, etc. Para mudar os números da evasão escolar, o governo especializa professores, melhora e constrói mais lugares de aprendizagem. Os professores estão buscando novas formas de trabalhar com os alunos tentando sair da mesmice.

Aprender e passar de ano não deve ser só de responsabilidade do aluno, mas sim de um conjunto: família, escola, professor, educando. Isso é quando melhor for a estrutura social e as condições de vida, isso é muito importante para o prosseguir do aluno nos estudos. Quanto maior for o empenho dos pais, quanto melhor for a formação dos professores e quanto mais equipada for a escola melhor, será o desempenho do aluno.

Um dos problemas mais graves do ensino escolar é a evasão. Fazer com que os alunos permaneçam na escola é um desafio muito grande até nos dias atuais. Os motivos são vários e vamos citar alguns deles: gravidez na

adolescência, drogas, violência, pobreza, dificuldade de acesso à escola na zona rural e urbana, entre outros. Luana Castro Perez diz que:

[...] embora o acesso às escolas tenha sido facilitado, a inclusão no sistema de ensino não melhorou os níveis de alfabetização. Isso significa que frequentar a escola (sobretudo a escola que sabemos estar distante do ideal) não garante a alfabetização e o letramento de homens e mulheres, o que aumenta ainda mais o desafio de levar o conhecimento pleno para todo cidadão brasileiro. (PEREZ, s/d, s/p).

Os alunos da zona rural são os mais prejudicados pela falta de acesso e investimento por parte do governo. Muitas vezes a vontade de aprender dos discentes é tão grande que eles não olham para as dificuldades do dia a dia. É comum escutarmos que alunos caminham quilômetros, atravessam rios, vão montados em animais, até chegar a escola.

Se a educação ilumina as pessoas, ainda temos 11,8 milhões de brasileiros vivendo na escuridão. São aquelas que, em pleno século XXI, não sabem ler e nem escrever. O analfabetismo é uma praga que vem sendo combatida em ritmo lento. As pessoas que são analfabetas se sentem cegas por não saber ler e a sala de aula costuma representar o primeiro passo para a escuridão ficar no passado.

Segundo núcleo escolar. Quais seriam, portanto, os aspectos da política pública educacional brasileira deveria observar para que possamos construir uma escola que faça sentido para os estudantes?

- Primeiro ponto: Observar a ausência do aluno na escola, acompanhando cada aluno, sendo capaz de identificar o desencantamento para recuperar o interesse desses alunos e tentar resolver isso da melhor forma possível. É muito importante o corpo escolar fazer este acompanhamento.

-Segundo ponto: O jovem sai da escola por mais variadas as razões. Então, é importante que o corpo docente tenha a visão de todos os problemas que possam afastar os jovens da escola, tentar dialogar para saber o que se passa e tentar ajudar.

-Terceiro ponto: A escola tem que fazer todo sentido de mundo para o estudante. Se a escola não ouvir o aluno, não adianta prevenir, nem montar política sistêmica contra evasão.

Acreditamos que a escola deve ter parcerias para diminuir a evasão escolar. Uma delas é a família, que tem um papel fundamental na permanência dos estudantes na escola, pois garante organização na vida do aluno e sua regularidade na escola.

O conselho tutelar também tem um papel importante na permanência do aluno na escola. A Educação é um dos direitos fundamentais previstos pelo estatuto da criança e do adolescente, e os casos de abandono escolar são casos em que o conselho tutelar deve agir.

Pensar sobre a evasão escolar é algo bem complexo, porque parece que a escola não atende mais às necessidades do aluno nem de hoje nem de antes. A escola deveria ter avançado junto com a sociedade, porém isso não aconteceu. O que temos hoje é estudantes mais preocupados com o mercado de trabalho do que estar presentes na escola, até porque a forma com que o ensino se estrutura, hoje não vem ao encontro dos anseios dos estudantes. Antes era bem pior.

São poucos os professores que trabalham de forma diferenciada e criativa. Além disso, os educadores parecem ter medo de utilizar novas tecnologias de informação e comunicação em suas aulas, talvez porque não se sintam seguros com elas ou porque não entendam suas vantagens na educação escolar.

Além disso, há estudantes jovens que engravidam e abandonam a escola, há os que precisam trabalhar, há os que não têm com quem deixar os filhos para poder estudar, entre tantos outros problemas. Todos esses fatores fazem com que os estudantes sintam-se desmotivados para atender à escola.

## 2.2 Educação de Jovens e Adultos – EJA

A Educação de Jovens e Adultos é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei 9.394/96). Esta modalidade é conhecida como EJA e atende pessoas com mais de 15 anos que não conseguiram completar o ensino fundamental e mais de 18 anos para o ensino médio.

No grupo dos alunos que não completaram o ensino fundamental, em geral, temos pessoas mais idosas, que viveram numa época em que a educação era mais difícil, principalmente na zona rural.

Já no grupo de alunos que não completaram o ensino médio vamos ter um número de pessoas bem generoso e heterogêneo, que abandonaram precocemente seus estudos por fatores extraescolares e sociais que estão ligados à pobreza e à necessidade de ingressar precocemente no mercado de trabalho. Pode ter sido, também, por conta do fracasso escolar, por não terem tido uma trajetória escolar bem-sucedida, com sucessivas reprovações, e que acabam desestimulando os alunos deste grupo, levando-os ao abandono escolar.

Neste sentido, não importando a idade dos estudantes da EJA, eles devem compreender que detêm direito à educação pública, gratuita e de qualidade. Paulo Freire fala-nos sobre o direito ao mundo social também deve ser para os analfabetos:

Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que, implicando todo este esforço de reflexão do homem sobre si e sobre o mundo em que e com que está, o faz descobrir “que o mundo é seu também, que o seu trabalho não é a pena que pagar por ser homem, mas um modo de amar – e ajudar o mundo a ser melhor”. (FREIRE, 2011, p. 181).



É muito importante entendermos a presença de tantos jovens voltando à escola. Na medida que este universo de estudantes é bastante heterogêneo e desigual em relação ao gênero do estudante. Alceu Ravanello Ferraro diz:

Há pouco mais de cinquenta anos, estudos da UNESCO fazia duas observações sobre a relação entre sexo e analfabetismo no Brasil. A primeira referia-se à taxa de analfabetismo notadamente mais elevada entre as mulheres do que entre os homens entre as pessoas de 15 anos ou mais, tanto em 1920 como em 1940. Quanto a isso, nada de novo. Tal constatação acompanhava a tendência mundial de taxa de analfabetismo mais elevada entre as mulheres do que entre os homens. (FERRARO, 2009, p. 158).

As mulheres eram as menos escolarizadas e menos alfabetizadas. E em um país tão patriarcal, tão conservador e tão misógino como o Brasil, não é de se admirar que as mulheres foram, por muito tempo, proibidas de frequentar escolas regulares.

Na época do regime militar, surge um movimento de alfabetização de jovens e adultos, na tentativa de erradicar o analfabetismo, conhecido na época de Mobral, com foco no ler e escrever. A EJA, Educação de Jovens e Adultos, entra no lugar do Mobral, tendo uma nova proposta de ensino além do ler e escreve, provocando o educando a pensar no futuro de um jeito diferente, sendo um ser pensador. O Mobral não era para todos. Na década de 90 o Governo incumbiu todos os municípios a engajarem nesta Política da Educação, hoje a EJA tem como foco uma educação ampla, igualitária e eficaz. A EJA é, assim, uma alternativa para diminuir o analfabetismo no Brasil, mas ainda estamos muito longe da erradicação do analfabetismo. A EJA busca atender a este universo de estudantes atrasados em seus estudos.

Também fazemos outra pergunta. Porque estes alunos estão voltando à escola? Isso gera um leque de expectativas no qual cabe aos professores pensarem sobre uma escola para esse sujeito adulto. Porque o modelo escolar existente se distancia desse público que também é diferente. Então, para este público também necessitamos de professores deferentes e escolas adequadas e currículo diferenciado.

Quando falamos em Educação de Jovens e Adultos o que vem em nossas cabeças ainda é aquele modelo de ensino supletivo. E os alunos só conseguem pensar na aceleração, como reposição de uma escolarização não realizada. Tudo isso nos leva a pensar como devemos organizar um curriculum, metodologias e uma forma de organização escolar para responder a estas necessidades.

Paulo Freire informou-nos que o sujeito adulto traz suas expectativas e sua bagagem de conhecimentos para a escola. O trabalho da escola é, portanto, dialogar com esses conhecimentos dos estudantes.

Algumas vezes a EJA tem um grupo juvenil de estudantes que já teve uma trajetória escolar no ensino regular muito acidentada. Tiveram dificuldades de aprendizagem, sucessivas reprovações, abandonaram a escola e que, depois, quando se confrontam com o mercado de trabalho e com a vida familiar, eles se sentem obrigado a retornar à escola.

Esta escola de EJA tem que ser uma escola muito mais empática, pois se ela não atender às necessidades de aprendizagem dos alunos e se a reação do professor não for acolhedora, estas pessoas se afastarão da escola uma vez mais. Lembramos que estudantes de 15 anos ou mais ainda são razoavelmente jovens e com conflitos sociais.

Trabalhar com a diversidade é justamente admitir que as culturas populares precisam entrar nas escolas. E a EJA deve ser levada por pessoas com respeito pela diversidade e com uma visão de acolhimento. Isso poderá ajudar os estudantes a se sentirem bem vindos e importantes no ato de aprender.

### **3. ANALFABETISMO NO TOCANTINS**

O analfabetismo ainda é um problema no país, principalmente entre jovens e adultos. Um levantamento do IBGE, (2010), mostra que no Tocantins tem 130 mil analfabetos com mais de 15 anos. Esses que não sabem ler e nem escrever um bilhete simples. Este número caiu 10% da sua taxa de analfabetismo segundo IBGE (2019) e vem se mantendo estável pelo 3º ano consecutivo.

Neste momento, focamos no estado do Tocantins, pois é onde nos encontramos, e partiremos para os números no estado do Maranhão. Foram mais de 7,3 mil Tocantinenses alfabetizados. Na região norte, o Tocantins vem sendo o melhor colocado no quesito alfabetização de jovens e adultos. Este número também se mantém estável, mas caiu entre as mulheres negras com mais de 60 anos de idade. Essas tiveram uma queda expressiva na taxa de analfabetismo de 40% para 35% no geral, o que não aconteceu com outros grupos populacionais.

As políticas públicas mostram suas deficiências em vários aspectos, e com os alunos que terminaram o ensino fundamental não é diferente, pois existe um problema para manter este público na escola, até que eles terminem todo o ciclo do ensino fundamental.

Os negros e pardos são os que mais sofrem com a falta de expectativas de se manterem na escola e de conseguir emprego. As mulheres não ficam para trás, também sofrem desse mesmo problema. A maioria das pessoas que trabalham e estudam são mulheres brancas, nesta estatística as mulheres negras e pardas também saem perdendo. Essas últimas têm uma certa carência de se manterem na escola e trabalharem ao mesmo tempo, talvez seja pela estrutura da própria família ou pela falta de vagas em creches para seus filhos.

A redução de investimentos na educação pública impactou na taxa de redução do analfabetismo, no qual estava previsto a erradicação para ano de 2024. A geração nem-nem, onde são jovens de 15 a 29 anos, que nem estudam e nem trabalham aumentou nos últimos 10 anos. Conforme o IBGE, o percentual desses jovens vem crescendo para 14,4%. Vemos que este índice é preocupante, pois esses números crescem ainda mais com a atual crise político-econômica.

Quando o aluno não vê uma futura perspectiva de trabalho, pararam de estudar. E isso faz com que a geração dita “nem-nem” (nem trabalha e nem estuda) mantenha-se estável. Isto é preocupante, pois em 2016 já tínhamos o percentual de 24% de pessoas sem trabalhar e nem estudar. E esse percentual está se mantendo até hoje.

### 3.1 Analfabetismo no Maranhão e no Povoado Embiral

O Maranhão não tem uma situação muito diferente daquela do Tocantins em relação ao analfabetismo. O projeto que mais vem atuando na erradicação do analfabetismo no Maranhão é “O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA)”. Um projeto de educação voltado para o desenvolvimento das áreas de reforma agrária e que vem fazendo um trabalho muito importante nos assentamentos do Maranhão.

Os analfabetos vêm abraçando este projeto. O PRONERA coloca-se como um referencial da educação no Brasil, não somente pelo fato de ensinar o ler e o escrever, mais pela metodologia que permite a este sujeito escolar seja provocado, seja interativo, podendo fazer sua leitura além do cognitivo. Isso faz com que ele perceba a sua realidade para transformá-la. Neste sentido, Freire informa-nos que:

Não pode existir uma teoria pedagógica, que implica em fins e meios da ação educativa, que esteja isenta de um conceito de homem e de mundo. Não há, nesse sentido, uma educação neutra. Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu que fazer educativo segue um outro caminho. Se o encaramos como uma "coisa", nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. Se o encaramos como pessoa, nosso que fazer será cada vez mais libertador. (FREIRE, 1997, p. 9)

A partir da passagem de Paulo Freire, podemos ver que o projeto PRONERA trabalha na direção de transformar o homem e fazê-lo um ser questionador de sua realidade. Assim, a alfabetização coloca-se como elemento fundamental no caminho emancipatório das pessoas analfabetas.

No PRONERA os professores fazem o papel de educar além da leitura e da escrita, fazendo com que estes estudantes conheçam as realidades em que vivem. Assim, eles passam a agir diante da realidade, não ficando só de braços

cruzados. Eles passam a entender que eles são sujeitos que têm suas histórias. E que essas histórias podem ser modificadas a partir do conhecimento.

A abrangência do projeto Educação de Base para a Construção da Cidadania Plena e Participativa: “Território da Reforma Agrária Livres do Analfabetismo” está organizada, no estado do Maranhão, em 60 turmas, com 1.200 beneficiários da Reforma Agrária. Isso em números de 2015.

Esse grupo de estudantes que participa do PRONERA no Maranhão tem, em média, mais de 30 anos de idade. Todos os alunos dos assentamentos se empenham ao máximo para poder aprender a ler e escrever. Eles desejam ajudar a seus filhos e netos nas tarefas de casa, ou até mesmo interagir entre si, escrever cartas para seus familiares, entre outros objetivos.

Notamos que em algumas regiões do Maranhão os analfabetos vivem distante de coisas tão simples como luz e telefone, vivendo, socioeconomicamente, em extrema pobreza.

Como já vimos no último levantamento do IBGE, em 2018 havia mais de 11 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais anos de idade. Esta taxa engloba as pessoas com mais de 60 anos, o que representa 6 milhões de idosos analfabetos.

Apesar da melhora no quadro do analfabetismo, a referida pesquisa de 2018 revela que 52,6% das pessoas com 25 anos ou mais não concluíram o ensino médio.

No povoado Embiral, que fica 12 km de Imperatriz, no estado do Maranhão, fizemos um breve levantamento sobre as pessoas não alfabetizadas, e descobrimos que 97% das pessoas analfabetas existentes no povoado tem mais de 40 anos de idade.

O Embiral era um povoado que fazia parte de terras indígenas. Tal povoado fica à beira do rio Tocantins. Com o passar dos tempos, os índios foram embora, estas terras foram sendo habitadas por famílias que não eram alfabetizadas. Essas pessoas viviam da plantação, da caça e da pesca.

José Correia, meu bisavô, era um desses primeiros habitantes a chegarem ao povoado Embiral. Ele doou essas terras para meu avô Domingos Paixão. Meu avô nasceu e morreu no Embiral.

Acreditamos que a chegada desses habitantes não indígenas ocorreu há uma 200 anos atrás, pois, se meu avô estivesse vivo, em dezembro de 2019, ele faria 97 anos.

Então, novos habitantes foram migrando para lá. Essas pessoas não tinham estudos, já que só estudava quem tinha dinheiro para pagar escola particular e no povoado não havia escola.

O número de famílias foi crescendo. Chegou no povoado uma mulher chamada Maria, que sabia ler e escrever. Então, com a necessidade dessas crianças serem alfabetizadas, ela passou a ensinar a essas crianças, já que os pais não sabiam ler e nem escrever.

Escutamos relatos de que as crianças eram alfabetizadas de baixo de pés de manga. Foram alfabetizadas com cartilhas. Quando chovia as crianças se molhavam. Os cadernos eram colocados em sacos plásticos para não molhar. Eram poucas as horas de aulas: 2 ou 3 por dia. Quando estas crianças não estavam estudando, estavam ajudando sua mãe nas tarefas domésticas ou tinham que ir para roça ajudar o pai.

Então, Domingos Paixão se sensibilizou com o sofrimento das crianças e doou um terreno para que se construísse uma escola para as crianças e para que não ficassem sendo alfabetizadas no relento.

A prefeitura do Imperatriz construiu uma escola pequena de alvenaria no Embiral, no ano de 1988, dando o nome de Escola Municipal Enock Alves Bezerra. Com só cinco salas de aulas, cozinha e diretoria. Hoje a escola atende a alunos do 1º ao 9º ano. A escola recebe crianças do povoado e criança que moram do outro lado do rio, no estado do Tocantins.

Atendendo a 138 crianças atualmente, a escola não tem Educação de Jovens e Adultos - EJA por falta de professores. Em 1999, a Escola Municipal Enock Alves Bezerra ganhou uma biblioteca do projeto “Ler é Preciso”, sendo

esta biblioteca para atender toda a comunidade. A biblioteca recebeu o nome da neta do doador do terreno: Joselma Paixão. Hoje a biblioteca é mantida pela empresa X, no qual abrimos aqui para uma problemática sobre esta empresa, pois os danos que a empresa X provoca no meio ambiente, esta ajuda, chega a ser insignificativa, mais a população do Embiral acredita que a pequena ajuda da empresa é suficiente.

De 2017 à 2019 as pessoas analfabetas do povoado continuam sem saber ler e nem escrever por não terem professores no horário noturno. Os professores não desejam se deslocar até o povoado à noite por medo de serem assaltados. Assim, os 600 habitantes do povoado Embiral continua sem EJA. Hoje em dia temos 19 pessoas analfabetas no Embiral.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O dia 8 de setembro é o dia mundial da alfabetização e precisamos falar mais sobre este assunto e pensar possibilidades para efetivar uma educação digna e de qualidade para os analfabetos atuais.

Vimos que é tão difícil erradicar o analfabetismo, pois depende de um grupo de fatores, como políticas públicas, recursos financeiros, mão de obra e, acima de tudo, o querer dos alunos em prosseguir nos estudos.

Verificamos que nosso analfabetismo não é igual, mostrando a desigualdade do nosso Brasil. Ainda hoje temos lugares de extrema pobreza e com poucas escolas. Isso traz um impacto direto para a educação das pessoas desses lugares.

Os projetos de erradicação do analfabetismo no interior do Brasil funcionam em escolas com pouco recursos e com poucos profissionais. Estamos muito longe de termos escolas “perfeitas” para todos.

Ainda, a presente pesquisa teve por objetivo apresentar uma discussão sobre o analfabetismo no Brasil atual, e trazer tal discussão para o povoado Embiral. A falta de professores que desejam atuar na EJA na Escola Municipal Enock Alves Bezerra faz com que a situação continue estagnada.

Vemos, também, que a erradicação do analfabetismo depende de uma transformação interna dos mecanismos escolares, da implantação de políticas governamentais mais diretas e localizadas, e de vontade própria dos analfabetos.

Neste sentido, a alfabetização de jovens e adultos deve ser vista, como nos diz Freire (1997, p. 24), como “um ato de transformação do mundo”, levando a um pensar crítico sobre a realidade em que se vive e deixando de ser, também, um analfabeto político, máquina de manobra para os poderosos. Freire nos diz:

Se, do ponto de vista lingüístico, um analfabeto é alguém que não pode ler nem escrever, um analfabeto político - quer saiba ou não ler e escrever - é alguém que tem uma percepção ingênua das relações dos homens e do mundo, uma inteligência ingênua da realidade social. Para ele, o real é um fato dado uma vez por todas, qualquer coisa que é o que é, e que não se vai transformado. Há uma tendência para pouco ter em conta a realidade, perdendo a si próprio em sonhos abstratos acerca do mundo. Assim procedendo, ele evita as suas responsabilidades históricas (FREIRE, 1997, p. 23).

Finalizando, verificamos que a vida escolar em tal povoado não existia para esse povo sofrido. Neste sentido, vemos o abandono do poder público em relação à educação dessas pessoas. Somente em 1988 uma escola foi construída e funciona, hoje em dia, de forma precária. E pensando a partir de nosso exercício do micro para o macro, vemos claramente que estamos longe da erradicação do analfabetismo no Brasil.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Márcia Regina, PIERRO, Maria Clara Di, MOLINA, Mônica Castagna, JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de. Et al. (organizadoras) **A Educação na Reforma Agrária em Perspectiva: Uma avaliação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária**. São Paulo: Ação Educativa; Brasília: PRONERA, 2004.

ARAÚJO, Gilcilene; ROMERO, Maria. **G1 Piauí TV Clube**. PI tem a segunda maior taxa de analfabetismo do país entre pessoas com 15 anos ou mais, aponta IBGE. 19/06/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/06/19/pi-tem-a-segunda-maior-taxa-de-analfabetismo-do-pais-de-pessoas-com-mais-de-15-anos-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em 17 out. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Governo Federal.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96**. Ministério da Educação e Cultura. Governo Federal.

FERRARO, Alceu Ravanello. **História inacabada do analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca básica da história da educação brasileira).

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. Ed. Ver atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Ensinar, aprendendo. IN: **O Comunitário**. Publicação da Escola Comunitária de Campinas. Março de 1994, Edição nº 38, Ano VI, pág. 5 a 9.

G1 TO (sem autor identificado). Analfabetos representam quase 10% do eleitorado tocantinense. **G1 TO**. 09/09/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/eleicoes/2014/noticia/2014/09/analfabetos-representam-quase-10-do-eleitorado-tocantinense.html>>. Acesso em 17 out. 2019.

MELO, Luísa. Mulheres, pretos, nordestinos e pessoas sem instrução são os brasileiros com salário mais baixo, mostra IBGE. **G1 Economia**. 16/10/2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/16/mulheres-pretos-nordestinos-e-pessoas-sem-instrucao-sao-os-brasileiros-com-salario-mais-baixo-mostra-ibge.ghtml>>. Acesso em 17 out. 2019.

PEREZ, Luana Castro Alves. "08 de Setembro — Dia Mundial da Alfabetização". IN: **Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-da-alfabetizacao.htm>>. Acesso em 09 de outubro de 2019.

RÁDIO VATICANO. Brasil ainda tem 13 milhões de analfabetos. **Noticiário da Rádio Vaticano**. Programa Brasileiro. Notícia veiculada em 08/09/2016. Disponível em

<[http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2016\\_09\\_08.html#sopra](http://www.radiovaticana.va/proxy/portuguese/noticiario/2016_09_08.html#sopra)>. Acesso em 09 de outubro de 2019.

RODRIGUES, Wallace. Construindo o conceito de vulnerabilidade educacional. **Revista Panorâmica**. UFMT. Barra do Garças – MT, vol. 24, jan./jun. 2018, ISSN: 2238-9210, pág. 151-160.

### **Anexos:**



Imagem 01 - Escola Municipal Enoch Alves Bezerra, no povoado Embiral, Imperatriz, MA.  
Autoria própria.





Imagem 02 – Casa no povoado Embiral, Imperatriz, MA. Autoria própria.



Imagem 03 – Margens do rio Tocantins no povoado Embiral, Imperatriz, MA. Autoria própria.